

FRONTEIRAS EM MOVIMENTO: circulação cultural e territorialidades híbridas entre Brasil e Guiana Francesa

Sandra Uanne Canela da Mota

(Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira. E-mail: sandrau.mota@gmail.com)

Luiza Picanço Nunes

(Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira. E-mail: luizapnunes@gmail.com)

Carmentilla Martins

(Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira. E-mail: carmentilla@gmail.com)

Palavras-chave: fronteira; circulação; hibridismo

Introdução

A fronteira entre Oiapoque e a Guiana Francesa constitui um espaço privilegiado para compreender as dinâmicas de circulação na Amazônia setentrional. Mais que um limite político, trata-se de uma zona de contato onde pessoas, bens e significados atravessam continuamente, configurando o que Ulf Hannerz (1997) define como *culturas em rede e processos de tradução cultural*. Este estudo propõe identificar rotas culturais que conectam Oiapoque, Saint-Georges e Cayenne, analisando como práticas de mobilidade e hibridismo moldam novas formas de planejamento e convivência fronteiriça. Nessa perspectiva, o território é entendido como um tecido relacional, no qual as dimensões simbólicas e materiais se entrelaçam e produzem sentidos de pertencimento e integração.

Metodologia

A pesquisa combina observação territorial, revisão bibliográfica e levantamento de práticas culturais e arquitetônicas na área de fronteira. Foram consideradas quatro rotas de circulação física e simbólica, articuladas por vias terrestres e fluviais entre Macapá, Calçoene, Oiapoque, Saint-Georges e Cayenne. Além disso, foram realizadas observações de campo durante visitas à região, identificando pontos de interesse cultural, histórico e natural, como o marco zero da fronteira, mercados locais, comunidades indígenas e áreas de preservação ambiental. A análise se fundamentou nos conceitos de Hannerz (1997), interpretando a fronteira como um espaço híbrido e móvel, onde os fluxos culturais e sociais cruzam limites formais, influenciando a experiência turística.

Resultados e Discussão

A análise da região entre Oiapoque e a Guiana Francesa revela uma intensa circulação de pessoas, bens e significados que desafia as fronteiras políticas e evidencia o caráter relacional das territorialidades amazônicas. Essa dinâmica combina fluxos turísticos, trocas comerciais e práticas culturais que articulam natureza e diversidade étnica, compondo um espaço de encontros e traduções culturais, conforme propõe Hannerz (1997).

Foram delineadas três rotas culturais. A primeira, **“Entre Rios e Culturas” (Oiapoque–Saint-Georges)**, transforma o rio Oiapoque de limite em elo, simbolizando o cotidiano transnacional de estudantes, comerciantes e famílias. O Museu Kuahi expressa essa convivência entre povos Palikur, Karipuna e Galibi-Marworno, que habitam ambos os lados da fronteira. A segunda, **“Arquiteturas do Encontro” (Saint-Georges–Cayenne)**, destaca a continuidade estética e social nas casas de madeira, varandas coloniais e mercados abertos, que materializam a mistura de influências amazônicas e francesas. Por fim, **“Entre Memórias e Resistências” (Uaçá–Saint-Georges)** valoriza os territórios indígenas e o hibridismo como continuidade histórica das redes familiares e espirituais Palikur.

Essas rotas evidenciam que o planejamento territorial em zonas de fronteira ultrapassa a dimensão física e estatal, configurando-se como processo cultural e simbólico. À luz de Hannerz, a fronteira Brasil–Guiana Francesa emerge como espaço de interação e convivência intercultural, no qual o território é tecido pelas mobilidades e pelos significados que as pessoas constroem em suas travessias.

Conclusão

O estudo das rotas culturais entre Oiapoque e a Guiana Francesa demonstra que as fronteiras amazônicas constituem espaços de intensa circulação e de produção simbólica, onde práticas cotidianas de mobilidade e convivência desafiam os limites políticos formais. A partir do referencial de Ulf Hannerz (1997), compreendeu-se a fronteira como território relacional e híbrido, no qual se entrelaçam identidades, linguagens e modos de vida. As rotas identificadas revelam que o planejamento territorial, quando integrado à dimensão cultural, pode fortalecer vínculos sociais e promover uma gestão mais sensível às realidades locais. Assim, a contribuição deste trabalho está em propor uma leitura da fronteira como rede de conexões transnacionais, evidenciando sua relevância para o debate sobre integração regional, turismo cultural e valorização das identidades amazônicas.

Referências

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 7-39, abr. 1997.